

FACULDADES INTEGRADAS DE TAGUAÍ
CURSO DE ENGENHARIA AGRONÔMICA

AGRONEGÓCIO NO BRASIL E SUAS PERSPECTIVAS NO PRESENTE E NO
FUTURO

MATHEUS ANTÔNIO DE LIMA

TAGUAÍ- SP
DEZEMBRO- 2022

MATHEUS ANTÔNIO DE LIMA

**O AGRONEGÓCIO NO BRASIL E SUAS PERSPECTIVAS NO PRESENTE E NO
FUTURO**

Trabalho apresentado ao curso de
Engenharia Agrônômica Faculdades
Integradas de Taguaí, para obtenção do título
de Engenheiro Agrônomo, sob orientação da
Prof. Especialista Leandro Simi Pereira de
Souza

TAGUAÍ/SP 2022

MATHEUS ANTÔNIO DE LIMA

**O AGRONEGÓCIO NO BRASIL E SUAS PERSPECTIVAS NO PRESENTE E NO
FUTURO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado para a Faculdades Integradas de Taguaí como requisito parcial para a obtenção do título de Engenharia Agrônoma.

Aprovado em: ____ de ____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms Emerson Carlos de Almeida

Prof. Ms Maria Cecília do Amaral Soldera Petersen

Prof. Esp. Leandro Simi Pereira de Souza - Faculdades Integradas de Taguaí (orientador)

DEDICATÓRIA

Dedico e agradeço a DEUS por ser meu amor, por ser a minha alegria ante da aflição, a minha energia no temor, a minha esperança nas decepções, a minha paz diante a luta, a minha habilidade diante dos obstáculos, a minha qualidade nas ressalvas e a minha ousadia diante do medo. Sem ELE nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente e mais uma vez a DEUS, que estabeleceu o infinito para a existência ser sempre mais. Por ter me oferecido forças para acercar-se até o final desse curso e por não ter me abandonado, mesmo diante das dificuldades vivenciadas durante o meu caminho acadêmico, foram muitos impedimentos encarados, mas diante as minhas orações e a minha fé no senhor Deus, consegui enfrentar todos os limites conferidos.

Agradeço a minha família e amigos pela paciência e auxílio nas horas difíceis. Agradeço aos professores e em especial ao meu orientador Prof. Esp. Leandro Simi Pereira de Souza, por toda paciência e presteza em dividir os conhecimentos tão necessários para a nossa futura profissão.

RESUMO

Os progressos tecnológicos e a crescente inquietação com o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável são aspectos que permanecem cada ocasião mais atuais nas pendências para a produção de alimentos. Neste sentido, foram cunhadas determinadas ideias para monitorar a produção nas cadeias produtivas e diminuir os riscos, tais como rastreabilidade, máxima inquietação com a garantia do alimento e a procedência do mesmo. O presente estudo abeira-se as demandas que apresenta direcionado os básicos movimentos no agronegócio brasileiro em comando a táticas para acolhimento a novas pendências do mercado consumidor internacional. Este trabalho apresenta por objetivo considerar o conjunto atual das novas provocações para o agronegócio, exibindo novas dinâmicas e os impulsos para o âmbito produtivo brasileiro. A ascensão das exportações e os resultados da balança comercial do agronegócio são respeitáveis ferramentas de consolidação da economia brasileira. Estes acrescentamentos produtivos ajustados com uma transformação no mercado consumidor terminam situadas práticas sustentáveis na produção, tendo um cenário que cada tempo mais se compreende que a valorização das propriedades de categoria vem desenvolvendo expressivamente no mercado mundial de alimentos.

Palavras-chave: Agronegócio; Sustentabilidade; Estratégias Competitivas; Consumidor; Mercado Internacional.

ABSTRACT

Technological advances and growing concern about the environment and sustainable development are aspects that remain increasingly current in the pending for food production. In this meaning, certain devices were coined to monitor production in the production chains and reduce risks, such as traceability, maximum concern with the guarantee of food and the origin of the same. This study is related to the demands that presents directed the basic movements in Brazilian agribusiness in command of tactics to host new pending international consumer markets. The article presents as objective to consider the current set of new provocations for agribusiness, showing these new dynamics and impulses for the Brazilian productive scope. The rise of exports and the results of the agribusiness trade balance are reputable tools for consolidating the Brazilian economy. These production additions adjusted with a transformation in the consumer market contain established sustainable practices in production, given that each occasion more understands that the valorization of category properties has been developing significantly in the world food market.

Keywords: Agribusiness; Sustainability; Competitive; Strategies; Consumer; International Market.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2 DESENVOLVIMENTO	10
2.1 AGRONEGÓCIO: Conceito.....	10
2.2 O agronegócio e sua origem	11
2.3 O agronegócio no passado e na contemporaneidade brasileira	13
2.3.1 Mercado de Trabalho do Agronegócio	17
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	22

1. INTRODUÇÃO

O Agronegócio igualmente chamado de agribusiness, é o conjunto de todas as atividades pertinentes a produção, processamento, armazenamento, classificação e negociação de insumos e produtos agropecuários e agroflorestais, incluindo todas as intervenções e acordos entrelaçados desde a produção dos insumos, das operações de produção nas integrações agropecuárias, até o processamento, distribuição e dispêndio dos produtos 'in natura' ou industrializados (CASTRO, 2000; BATALHA, 2001)

Essa complicada composição, conforme Araújo (2007), se manifesta comum às partes econômicas mais estimadas no mundo e com potencialidade de desenvolvimento, constituindo sua seriedade mutável dentro de cada país. No Brasil, o agronegócio apresenta sustado uma disposição de realce no domínio econômico, devido ao apropriado comportamento da produção, culminante participação no Produto Interno Bruto (PIB), ampliação da produtividade, bem como, devido a aptidão de origem de ocupação e renda.

Conforme Gilio e Rennó (2018), este apropriado comportamento do agronegócio tem se apontado firme nas últimas décadas, embora a intensa crise política e econômica, que emana comprometendo o crescimento e desenvolvimento do país desde 2014. Afora da crise política e econômica, o domínio também encarou neste momento uma série de problemas motivados por múltiplos fatores.

Em 2016 fatores climáticos danificaram a produtividade e a oferta. Cury e Laporta (2016) avultam que, posteriormente em 2015, em 2016 o agronegócio apresentou inclinação na produção de culturas como milho, algodão, laranja e cana-de-açúcar, em implicação da estiagem (padrão do milho) ou do exagero de chuvas (padrão da cana-de-açúcar) nas regiões produtoras.

Para Laporta (2016) o desenvolvimento e a consistência do agronegócio encontram-se estabilizado em um padrão delineado antes aperfeiçoado na conexão com o mercado externo e com uma produção diversificada. Os novos modelos produtivos adentrados sobretudo no final da década de 90 no mundo com as tecnologias de informação harmonizaram aos setores produtivos um domínio cada vez

maior sobre a produção e, por conseguinte, igualmente consentiu aos mercados consumidores uma maior disposição de monitorar o procedimento produtivo de acordo com suas requisições sanitárias ou ambientais.

Como objetivo geral o estudo almeja considerar o conjunto atual das novas provocações para o agronegócio, exibindo as dinâmicas e os impulsos para o âmbito produtivo brasileiro. Como objetivos específicos tem-se: analisar a produção de soja no agronegócio brasileiro e a tecnologia cada vez mais inovada e identificar o crescimento do mercado de trabalho relacionado ao agronegócio.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 AGRONEGÓCIO: Conceito

O conceito de "Agronegócio" na configuração como se expõe atualmente, uma intrincada composição que submerge todas as intervenções de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização de insumos e produtos, é efeito de mudanças socioeconômicas que impulsionaram alterações na forma de cultura do âmbito agrícola ao passar dos anos (ARAÚJO, 2007).

De acordo com Araújo (2007) antes de 1950 existia uma ampla centralização da população no campo (80%); os domínios rurais eram de pequeno tamanho e com plantações (ou produção) diversificadas. Estes pequenos produtores eram responsáveis por todas as fases do procedimento de produção, bem como pela distribuição e, em determinados episódios, pela venda. A produção era efetivada com poucas metodologias e quase nenhuma tecnologia agregada.

Em síntese, neste tempo preponderavam práticas produtivas simples e os produtores vendiam excedentes do que originavam para o oportuno sustento. Neste argumento, prevalecia o uso do conceito de Agricultura, ou "Setor Primário", para delinear o conjugado de atividades desenvolvidas no ambiente rural (das mais simples às mais complicadas), quase continuamente incluso das pequenas propriedades rurais (ARAÚJO, 2007). A partir de 1950, observa-se uma ativação do processo de urbanização (migração rural-urbano) nos países, induzindo a uma transformação estrutural na economia mundial.

Para Matos e Pessoa (2011) do ponto de vista econômico, este procedimento de urbanização suscitou um problema: menos pessoas no campo para produzir para mais gente nas cidades o que induziu a uma melhora econômica "obrigada", comprimiu os produtores agrícolas a procurarem novas opções de produção. Com menos mão de obra disponível no campo, baixa produção e, em comum, pouco ganho por hectare, a agricultura necessitava majorar sua produção e para isto careceria não exclusivamente mais espaços organizados para pastagens e plantações, bem como ampliar práticas de produção e novas técnicas.

Era imperativo ainda, refletir em melhores opções para transporte e custeamento dos produtos até que abeirassem ao mercado (cidades), (ARAÚJO,

2007; EMBRAPA, 2018). Neste tempo, o domínio agrícola convivia sob os resultados da chamada "Revolução Verde" – etapa em que se constatou a iniciação de um novo padrão de cultura, com o invento e dispersão de novas sementes e práticas agrícolas que consentiram uma ampliação expressiva, quanto mais se intensificava a urbanização, mais o mercado se desenvolvia circundando sobre os produtores e sobre a quantidade produzida e, por conseguinte, em resposta a esta influência proveniente do mercado, mais influência para aumentar a produção e mais complexa se tornava a produção agropecuária. É neste conjunto que acontece a evolução do setor agrícola, com industrialização da produção rural (com o estabelecimento de indústrias de bens de produção e de alimentos) e a completa conexão entre a agricultura e a indústria, oferecendo procedência aos intrincados preceitos de produção agroindustriais (MATOS E PESSÔA, 2011).

Este enredamento se conjectura na separação de trabalho incluso do domínio, com claro processo de especialização (verticalização) da produção. Neste argumento, o conceito de "Setor Agrícola" perde significado e nasce o de Agribusiness, termo primeiramente agregado nos Estados Unidos, designado em seguida no Brasil como Agronegócio – preceito, que agrupa todas as atividades (da produção ao processamento, armazenamento, distribuição e comercialização) imperativas para suscitar insumos e produtos agropecuários, até mesmo as operações e acordos que cometem os produtos acercarem-se ao consumidor final (CASTRO, 2000; BATALHA, 2001).

Unido ao incremento desta nova consideração, aparecem na literatura múltiplos aspectos para pesquisar este difícil sistema designado agronegócio, constituindo que, segundo ressaltam Farina e Zylbersztajn (2005), dois conceitos têm alcançado maior proeminência: o dos Sistemas Agroindustriais (Commodity System Approach – CSA) e o de Cadeias Agroindustriais ou Cadeias Produtivas (Filières).

2.2 O agronegócio e sua origem

Em 1957, os docentes da Universidade Harvard John Davis e Ray Goldberg criaram o termo agribusiness, expresso em português como agronegócio. O desígnio deles era revelar que o setor agropecuário não era mais uma ligação independente e livre da economia, apontado como "setor primário". Nos Estados Unidos, naquele

tempo o setor agropecuário prontamente se deparava intensamente integrado a indústrias centradas a montante (instrumentos, adubos, agroquímicos, sementes, etc.) e a jusante (processamento e distribuição) dele (ALVES, 2017).

Incididos 55 anos desde a publicação desse trabalho seminal, aqui, no Brasil, também tem muita gente que confia que a agricultura constituiria um setor com baixos indicadores de produtividade, importância adicionado e inovação. Para essas pessoas, a apresentação dominadora de commodities na nossa pauta exportadora constituiria uma garantia de atraso a ser revertido pela política pública. Incide que o agronegócio não é mais "elementar". Ele principia nos insumos modernos, advém pela agropecuária e conclui na configuração de alimento, bebida, vestes, energia, plásticos e uma grande porção de produtos acabados que desmontam por pronto a opinião simplista da separação da economia nos setores primário (agricultura), secundário (indústria) e terciário serviços. (MATOS e PESSOA, 2011).

Aparelhos produtivos de embasamento agrícola compreendem todas essas partes. Distinta miopia reiterada é a afirmativa de que o agronegócio constituiria coisa de amplos produtores e agroindústrias - e o pequeno produtor familiar simularia um padrão mais sustentável, apropriado de resistir sem ele. O acontecimento, entretanto, é que o termo agronegócio, desde a sua procedência, em 1957, nada apresentava com a "grande produção", tal como assegurado no Brasil. (ALVES, 2017)

De acordo com Alves (2017) ao oposto, qualquer que constitua o seu calibre, para sobreviver o produtor inevitavelmente completa tendo de se implantar em cadeias agroindustriais aprimoradas caracterizadas por contratos complicados, abarcando alternativa de pacotes tecnológicos, processamento, marketing, abastecimento, distribuição e financiamento. Chega a pronunciar que atualmente a política agrícola mais respeitável para o agronegócio se chama "logística".

No agronegócio brasileiro o maior problema contemporâneo não é produzir, mas sim carregar. Esse é o elo delicado, que impacta o agronegócio mais do que algum outro setor da economia. Um dos aspectos mais respeitáveis do agronegócio é o ponto da organização das cadeias produtivas, que podem ser ou não ser caracterizadas por afinidades construtivas e proveitos sistemáticos de eficácia. (ALVES, 2017).

Lourenco e Lima, (2009) ressaltam que desde os primeiros tempos aqui na Terra o ser humano utilizava o emprego da agricultura e a agropecuária como fundamental atividade de subsistência. Com o desenvolvimento e o aprimoramento de

novas práticas passou a ter demasia na produção, com isso instruiu-se a trocar essa mercadoria por outra de sua utilização então apareceu um fato comercial.

2.3 O agronegócio no passado e na contemporaneidade brasileira

Para Alves (2017) a história da economia brasileira, com suas decorrências culturais, sociais e políticas, apresenta procedências adjacente ao âmbito agrícola e às políticas voltadas para este setor. Desde o século XVI, quando teve princípio a ocupação do território brasileiro (por interposição de sesmarias) até o início da década de 1930 (século XX), o fundamental setor de atividade econômica do País foi o agrícola.

Ao extenso deste tempo, o incremento da economia esteve unido a múltiplos períodos agroindustriais: o monopólio do pau-brasil, sua primária atividade econômica (que batizou o País); a monocultura da cana-de-açúcar, com incremento no Nordeste; ao ciclo da borracha (comercialização do látex), oferecendo aspecto à região amazônica; e, ao ciclo do café - que durante o padrão de desenvolvimento voltado para fora (Agroexportador) foi a fundamental fonte de origem de renda, ofício e poupança interna (RENAI, 2007; GREMAUD, et al. 2017).

Aparece ainda, afora do plantio, a criação de animais. A monocultura da cana-de-açúcar e o regime escravocrata foram responsáveis pela ampliação do latifúndio.

Por volta da década de 30, do século XX, o Homem advém a se destinar quase que apenas ao cultivo e à criação de animais (LOURENÇO e LIMA, 2009). No entanto, o princípio de mercado mesclado por comprador, fornecedor e concorrentes permanecia longínquo (BARCELLOS et. al., 2010).

Ainda de acordo com Barcellos (2010) no final do século XIX, concluída a fase de "gestação" da economia cafeeira, a exportação do café consentiu ao âmbito prevalecer-se as categorias que permaneciam disponíveis para se ampliar e levar o País a reintegrar-se nos cursos em ampliação do comércio mundial. Este procedimento de ampliação da economia cafeeira adveio das políticas de assistência ao setor (valorização do café), levando a constituição o fortalecimento de uma nova casta administradora que comandaria este procedimento.

De 1906 até a crise de 1929 nos EUA e posteriormente em diversas partes do mundo, a política de valorização do café primeiramente assentada em prática pelos estados cafeicultores (conduzidos por São Paulo) e em seguida amparada pelo governo federal aprofundou a ampliação do setor. Após a crise econômica mundial, o café deixou de ser o produto que determinava os destinos da economia brasileira, mas por décadas o país ainda continuaria a ter uma produção agrícola superior à industrial" (LACERDA et al., 2018, p. 60).

Em 1929, quando a economia mundial ingressou em crise, para impedir que os cumulos inventáveis pressionassem os mercados originando baixas de custos, o governo brasileiro decidiu a interferir profundamente, adquirindo e extinguindo os excessivos de café (financiado por uma política de ampliação de crédito) e originando desvalorizações do câmbio, na experiência de sustentar o grau de emprego e renda interna, mas esta política não pode mais ser amparada (ALVES, 2017).

A Grande Depressão desmontava que o padrão de desenvolvimento subordinado das exportações agrícolas abraçada pelo País era insustentável. De tal modo, na década de 1930, a economia brasileira seguiu um novo padrão de crescimento designado na literatura de Modelo de Desenvolvimento por Substituição de Importações ou Industrialização por Substituição de Importação (ISI), cujo marco foi a transformação de núcleo ativo, o qual adveio a ser distinto pela seriedade do procedimento de industrialização e da extensão do mercado interno (ALVES, 2017).

Esta inclinação nos ganhos do âmbito cafeeiro, como avultam Gremaud, Vasconcellos e Toneto Jr (2016, p. 352), mostra que:

Ao longo do século XX a economia brasileira transitou de uma economia do tipo agroexportadora para uma de base industrial. No início do século, as exportações eram fundamentais na economia brasileira, pois possibilitavam as importações, que eram a base da estrutura de consumo no Brasil, e o bom desempenho dessas exportações ditava o ritmo de crescimento da economia brasileira.

A industrialização decidiu a ser a finalidade da Política Econômica (FURTADO, 2007; GREMAUD, et al. 2017). Igualmente, nas décadas de 1960 e 1970, o Brasil se compeliu para profissionalizar pesquisadores em ciências agrárias, designando cursos de pós-graduação em distintas extensões do conhecimento, em sociedade com o Sistema Embrapa, empregando seus núcleos de pesquisa por produto; assuntos estratégicos e ecossistemas; exercício intensivo de pesquisadores e docentes em núcleos de excelência no mundo; e, instalação de laboratórios particularizados.

De acordo com Costa (2006) o agronegócio brasileiro apresentou ampla investida entre as décadas de 1970 e 1990, porque a tecnologia e suas transformações consideráveis, desenvolvimento da Ciência e Tecnologia, isso adequou o comando da regiões que antes não eram e aumentando produtos agropecuários.

"O agronegócio é o motor da economia nacional, registrando importantes avanços quantitativos e qualitativos, que se mantém como setor de grande capacidade empregadora e de geração de renda, cujo desempenho médio, tem superado o desempenho do setor industrial, ocupando, assim, a posição de destaque no âmbito global, o que lhe dá importância crescente no processo de desenvolvimento econômico, por ser um setor dinâmico da economia e pela sua capacidade de impulsionar os demais setores". (COSTA, 2006, p. 56).

O país incidiu então a atrair a vigilância de todos os nossos parceiros e concorrentes evidenciando o seu potencial alto, em categorias globais. Com a amplitude obtida nas décadas de 60 a 80, as colocações de armazenar, processar e distribuir produtos agropecuários, de tal modo como as de munir insumos e fatores de produção, foram delongadas da roça para disposições produtivas e de serviços nacionais e/ou internacionais, fora da roça, estimulando também mais a indústria de base agrícola. (VILARINHO, 2006 apud LOURENÇO e LIMA, 2009).

Os efeitos puderam ser notados logo no curto prazo, destacando-se o desenvolvimento de tecnologias para a agricultura tropical dos cerrados, com a correção dos solos de baixa fecundidade, desenvolvimento de multiplicidades ajustadas a distintas regiões do País, entre diversos, aumentando igualmente a produtividade da pecuária e da agricultura (ALVES, 2003).

Como exposto, o agronegócio no Brasil vem se solidificando como um dos domínios de maior representatividade no comércio internacional, sobretudo no que se refere ao cultivo de commodities, favorecendo de tal modo, o resultado da balança comercial. De acordo com o relatório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, Kreter Pastre e Bastos Filho (2021), o saldo da balança comercial vem sendo estimulado pela negociação das fundamentais commodities, dando abordagem à cultura de soja e carne bovina que são os produtos com maior proeminência no balanço do PIB no domínio agropecuário

Todos os conceitos corroboram o agronegócio não como elementos separados, mas sim como uma cadeia de suprimentos no todo, onde a interdependência dos agentes econômicos induz o produto ao consumidor final, partindo do produtor de

insumos. Constituindo de tal modo, em um curto espaço de tempo, uma atividade em que antes preponderava a subsistência adveio a ser estimada de amplo curso de produtos, serviço e capitais, apropriado de mover as fundamentais economias do mundo (BARCELLOS et al., 2010).

A ampliação do êxodo rural e a inesperada ampliação da mão de obra nos núcleos urbanos induzem a um assalariamento parcial e duvidoso e a um acréscimo da sazonalidade do trabalho. Conforme Otake (2017), o trabalhador que tinha um papel ativo e em período incondicional nos campos, passa a ser um trabalhador parcial nas cidades, com o emprego de máquinas, se tornando apenas um operante do maquinário. Com o emanar dos últimos anos, a tecnologia tem evidenciado vários progressos, e com isso originando ainda inovações na área da agricultura com a conexão de câmeras digitais em VANTs (Veículos Aéreos Não Tripulados) ou popularmente versado como drones.

Ainda para Otake (2017) tal tecnologia vem sendo empregada com a finalidade de colher fotografias aéreas para se mensurar dimensões de áreas, e com isso ordenar dados altimétricos entre outros produtos cartográficos, que podem ser empregadas tanto em propriedades grandes, quanto pequenas, podendo originar dados que podem auxiliar no domínio e diminuição dos gastos.

Fundamentalmente respeitável salientar que por muitos anos as atividades agropecuárias se empregaram de práticas essencialmente extrativistas, ou constitua, retirava-se da natureza somente o que ela proporcionava, pois conforme Araújo (2007, p. 2) "Os progressos tecnológicos eram muito vagarosos, mesclados até mesmo de práticas muito simples, como as adubações com materiais orgânicos". A maior parte da população se agrupava no ambiente rural, o alicerce do sustento da família era o que retiravam do cultivo da terra e dos animais que criavam (ARAÚJO, 2007).

As atividades efetivadas nas propriedades eram fundamentadas na oportuna experiência e de caráter simples. Segundo Araújo (2007) até a década de 1950 as propriedades rurais, eram perto de autossuficientes, isso é, produziam e lavravam quase tudo o que necessitavam para o conveniente consumo. A industrialização da agricultura no Brasil teve seu princípio nos anos de 1960 (SILVA, 2003)

Ainda para Silva (2003) a soja constituiu um dos fundamentais produtos que promoveram o incremento do agronegócio no país, não somente pelo calibre físico e financeiro envolvido, mas igualmente pela precisão da visão empresarial de

administração da atividade por elemento dos produtores, fornecedores de insumos, processadores da matéria-prima e negociantes. A produtividade e o preço de produção das fazendas nacionais evidenciam que a soja agricultada já ultrapassou a dos EUA. A melhora da concorrência da agricultura e pecuária do Brasil, sobretudo nos últimos dez anos, e o oportuno esforço do governo e da iniciativa privada em instigar e propalar o produto agrícola brasileiro no exterior tem proporcionado ampliação das exportações do agronegócio. Afora da máxima produtividade do âmbito, o câmbio admitiu uma maior competitividade aos produtos brasileiros (ALVES, 2017).

De acordo com Silva, (2003) a partir do ano de 1999, a taxa de câmbio real permitiu que a competitividade do produto brasileiro conseguisse ser repassada ao mercado externo. Com isso a importância se deu também em toda a infraestrutura proporcionando ganhos no setor da logística, havendo melhor desempenho nos embarques, com a melhoria de rodovias e portos.

2.3.1 Mercado de Trabalho do Agronegócio

A agricultura é estimada uma das colunas efetivas que amparam a economia brasileira desde o período colonial. A atividade agrícola incidiu por múltiplos ciclos: o do pau-Brasil, o da cana-de-açúcar, o da pecuária e o ciclo do café, dominante no Sudeste do País (ALVES, 2017).

De acordo com Silva (2017), no século XIX, os países atualmente avaliados desenvolvidos permaneciam no auge de sua etapa de industrialização e procuravam outras extensões de alcance onde pudessem comercializar seus produtos industrializados e de onde pudessem conseguir matérias-primas para sustentar suas indústrias. É neste período que o Brasil principiou o emprego de práticas industriais para o incremento da produção no campo, oferecendo abertura ao ciclo agrícola.

Há de se considerar a seriedade do agronegócio em relação ao mercado de trabalho e renda, ou seja, considerar em que intensidade o agronegócio brasileiro entusiasmou no estado de renda e ocupação no período avaliado. Nota-se o valor do agronegócio, tendo em vista que sua atividade fez parte de 21,1% de todo o PIB nacional em 2018 com prevenções de aumento em até 3,2% Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada -IPEA (2018)

A partir de 2009, o saldo do agronegócio alcançou 506,756% de crescimento se conferido ao início do processo de abertura comercial no ano de 1989. Embora parte desse crescimento acontecer durante a implementação do Plano Real, durante a valorização do Real ao Dólar Estadunidense conservou-se com seu saldo comercial positivo, ressalta-se que ainda sobre os resultados da Crise Imobiliária Americana de 2008 tal atuação também se sustentou elevada (CONCEIÇÃO; ZUCHI, 2014)

Para Conceição;e Zuchi (2014) o mercado de trabalho do agronegócio compreende toda a mão de obra reunida desde a cadeia produtiva pertinente à agropecuária, abarcando o setor de insumos, agroindústria/processamento e distribuição/serviços

Bezerra e Elias (2011) ponderaram informações da Rais e do Caged para os anos de 1985, 1995 e 2004 e verificaram que o emprego formal na agropecuária brasileira desenvolveu em números absolutos. No tempo considerado, o número de empregos formais majorou cerca de quatro vezes, com uma variante percentual de 291,5%, saindo de 333,5 mil empregos em 1985 para 1,3 milhão em 2004. A justificativa, conforme os autores, é que a agricultura veio incidindo por um processo de incremento de capitalização, responsável e tomando-se uma agricultura mais empresarial, que se corrobora pela constituição de um mercado de trabalho formal no ambiente rural.

Embora tenha havido desenvolvimento do número de empregos formais na agropecuária, o setor ainda é um dos que apresenta a maior taxa de informalidade. Barbosa Filho e Moura (2013) mediram a diminuição da taxa de informalidade no tempo de 2002 a 2009, empregando dados da Pnad- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios e da PME- Pesquisa Mensal de Empregos para os setores de agropecuária, indústria e serviços, e notaram que perto de 65% dos trabalhadores assalariados no meio rural não dispunham de carteira assinada em 2009, constituindo à agropecuária o setor com a maior percentagem de informalidade. Esse alto indicador pode estar conexo ao trabalho familiar de pequenas propriedades, às lavouras temporárias, a culturas clássicas e/ou a baixa potencial ou encurtado nível de mecanização.

Para Barbosa (2016) os subsídios sobre a participação do agronegócio no mercado de trabalho brasileiro para o período de 2012 a 2016, despontam que o setor, perdeu participação no mercado de trabalho formal. Não exclusivamente participação,

contudo ainda conteve postos de trabalhos. Quando se confronta 2012 com 2016, percebe-se uma diminuição de 1.362.038 postos de trabalho no domínio.

Em um panorama mais atual, a força de trabalho feminina incluso da cadeia produtiva do agronegócio igualmente exibe efeitos positivos. O total de mulheres agentes no agronegócio, no momento de 2004 a 2015, desenvolveu 8,3%, o que concebe um avanço de 24,1% para 28% da participação da mulher no mercado de trabalho do agronegócio (CEPEA, 2017)

Sobre o contorno do trabalhador que coopera para o agronegócio do Brasil, Castro (2018) assinala que este tem menor grau educativo quando confrontado com outros setores econômicos, é mais plausível que esteja trabalhando de maneira informal e que seja homem. Incluído a isso, as atividades originárias do agronegócio que são causadoras de renda não proveem número expressivo de empregos, enquanto as atividades que solicitam baixa aptidão técnica, que proporcionam baixo vencimento e que causam baixo valor agregado são as responsáveis por provocar maior número de empregos

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo permitiu uma apreciação da melhora do agronegócio na ocasião de 2010 a 2018. Afora disso, igualmente consentiu uma apreciação mais particularizada do mercado de trabalho e da balança comercial do agronegócio. Para se alcançar uma abrangência dessa melhora do agronegócio, é possível destacar três pontos:

O primeiro, considerar a participação do agronegócio no PIB brasileiro, verificando que o Agronegócio foi responsável por 20,6% em média do Produto Interno Bruto do Brasil durante o período de 2010 a 2018, embora sua transformação neste período que alcançou sua menor participação em 2013 com 19,17% e sua maior participação em 2016 com 22,84%, de combinação com os dados obtidos durante a pesquisa (GLIO, RENNÓ, 2018).

O segundo, considerar a participação do agronegócio na balança comercial brasileira. Foi identificado, de ajuste com os dados obtidos durante o desenvolvimento do estudo, que o agronegócio brasileiro teve uma participação média de 41,9% no total de exportações do Brasil, tendo seu pior efeito no ano de 2011 quando alcançou somente 37,1% da participação nas exportações e seu melhor resultado em 2015, alcançando 46,2% de tudo que foi exportado pelo país no ano, constituindo os básicos produtos exportados os que compõem o Complexo da Soja, acompanhado pela exportação de Cames. (CEPEA, 2017).

Terceiro objetivo específico procurou-se considerar o mercado de trabalho do agronegócio, tendo como apoio os subsídios do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada CEPEA (2017) foi identificado que, nos anos do estudo, o agronegócio foi perdendo a sua participação no mercado formal de trabalho brasileiro, incidindo de 21,89% em 2012 para 19,55% em 2018, uma diminuição aglomerada nestes anos de 2,34%, enquanto o mercado de trabalho brasileiro alcançou uma taxa de crescimento acumulada de 4,1% quase, no mesmo momento.

Em meio aos segmentos do agronegócio, a agropecuária apresentou o maior número de abatimento de agências de trabalho, acumulando um total de 1.687.253, seguida pela indústria do agronegócio com uma diminuição de 204.263 pessoas ocupadas em suas atividades. Logo os subsetores de insumos e serviços,

apresentaram desenvolvimento de 42.195 e 487.283 em seus postos de trabalho, concomitantemente (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada CEPEA, 2017).

Conforme Gilio, Rennó (2018) pode-se finalizar com a crítica dos dados demonstrados no presente trabalho que o agronegócio brasileiro, embora tenha encarado crises climáticas, políticas, e econômicas, também foi responsável por quase 20% do PIB Brasil, e teve uma participação expressiva de perto 42% na balança comercial, com uma participação de perto 20% no mercado de trabalho, deixando o mercado do agronegócio com variantes expressivas, contudo exatas. No entanto, a longo prazo o mercado regressou a uma "constância" sustentando seus números análogos. Em determinadas temporadas o agronegócio teve um equilíbrio na economia do país que estava em crise, fazendo com que o impulso provocado no PIB Brasil fosse abrandado.

Espera-se que nos próximos anos o Agronegócio possa continuar seu salto evolutivo com ainda mais utilização de tecnologias e novas formas de conduzir a produção tomando assim a atividade do campo mais atrativa. De tal modo, filhos de agricultores passam a causar a inovação ao assumir os negócios da família, atualizando o trabalho e, é natural, majorando os saldos da propriedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. **Abrindo o pacote tecnológico: Estado e pesquisa agropecuária no Brasil**. São Paulo: Polis; Brasília: CNPq, 1986, 160p.

AGRA, Nadine G.; SANTOS, Robério F. **Agricultura Brasileira: Situação Atual e Perspectivas de Desenvolvimento**. 2019. Disponível em: http://www.gp.usp.br/files/denru_agribrasil.pdf 29 out 2022.

ALBERGONI, Leide; PELAEZ, Victor. Da Revolução Verde à agrobiotecnologia: ruptura ou continuidade de paradigmas? **Revista de Economia**, v. 33, n. 1, p.31-53, jan/jun, 2007.

ALVES, Vicente Eudes Lemos. **"Mudanças e permanências das práticas agrárias no sul do Piauí"**. In: NUNES, Ranchimit Batista. (Org.). **Experiências, realidades e contextos da educação do campo no sul do Piauí**. Curitiba: Editora CRV, 2017. pp. 55-73.

ALVES, Eliseu; CONTINI, Elísio; HAINZELIN, Étienne. Transformações da agricultura brasileira e pesquisa agropecuária. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 37-51, nov. 2005.

ARAÚJO, M. J.; **Fundamentos de Agronegócios**. São Paulo: ed. Atlas S.A., 2007.

BARBOSA FILHO, F. de H. B.; MOURA, R. L. de (2013). **Evolução Recente da Informalidade no Brasil: Uma Análise segundo Características da Oferta e Demanda de Trabalho**. Anais da Anpec.

BARBOSA, G. DOS S.; **Inovação no arranjo produtivo local de fruticultura irrigada de Pernambuco**. Caruaru, 2016.

BARCELLOS, J. O. J.; LAMPERT, V. N.; GRUNDLING, R. D. P.; CANELLAS, L. C. **A empresa rural do século XXI no contexto do agronegócio brasileiro**. 2010.

Disponível

em: <http://www.ufrgs.br/nespro/sysdownloads/arquivos/outros/A_EMP_RURAL_DO_SECULO_XXI.pdf>. Acesso em: 19 out. 2022.

BARROS, G. S. de C.; SILVA, A. F.; FACHINELLO, A. L.; 2012; **PIB DO AGRONEGÓCIO INICIA 2012 COM RECUO**. Disponível em

<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/releases/release-6570.aspx> Acesso em: 19 de set de 2022.

BARROS, G. S. C. et. al; **PIB do Agronegócio Brasileiro de 1996 a 2018**. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP. 2018.

Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegociobrasileiro.aspx>.

Acesso em: 11 de set de 2022 .

BATALHA, Mário Otávio. **Gestão agroindustrial**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001. 43

BERNARDES, Flávio. 2018. Em 2017, prejuízo com Carne Fraca foi de US\$ 2,74

bilhões; o que esperar agora? Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/mercado/em-2017-prejuizo>

comcarne-fracafui-de-us-274-bilhoes-o-que-esperar-agora

4vz0kebkx0nef5cdo51r2wl1v/. Acesso em 26 de Outubro de 2022.

PIB do Brasil cresce 7,5% em 2010 e tem maior alta em 24 anos. Disponível em

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/03/110303_pib_2010_rp Acessado 09/12/2019 as 18:10 Acesso em: 15 de ago de 2022.

BEZERRA, Juscelino E.; ELIAS, Denise. **Difusão do trabalho agrícola formal no Brasil e sua dinâmica multiescalar**. Investigaciones geográficas, n. 76, p. 104-117, 2011.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA.

AGROSTAT - Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro. Disponível em: <http://indicadores.agricultura.gov.br/index.htm>. Acesso em: 16 de ago de 2022.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA. Balança Comercial Brasileira e Balança Comercial do Agronegócio: 1997 a 2018. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/relacoes-internacionais/documentos/estatisticasdoagronegocio/SERIEHISTORICABCARES-UMIDA19972018.xls/view>. Acesso em: 13 de set de 2022.

CASTRO, A. G. DE. **Análise da competitividade de cadeias produtivas. Workshop cadeias produtivas na Amazônia**, 2000. CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA – CEPEA.

CASTRO, Edna. **Dinâmica socioeconômica e desmatamento na Amazônia**. Novos Cadernos NAEA, Belém, v.2, n.1, 2018.

CEPEA – Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. **PIB do agronegócio brasileiro** – ESALQ/USP, 2017. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br>>. Acesso em: 28 abr. 2022.

COELHO, France M. Gontijo. **A arte das orientações técnicas no campo**. Viçosa: Editora UFV, 2009.

COSTA, Maristela Agronegócio: **O motor da economia brasileira e o dinamismo da economia paranaense**, 2006. Disponível em www.agronline.com.br. (Acesso em 12 de out de 2022).

CURY, Anay; LAPORTA, Tais. Disponível em <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/01/novo-icms-dificulta-vida-de-pequenaslojas-virtuais-dizem-tributaristas.html>>. Acesso em: 06 out. 2022.

EMBRAPA, 2018. **VISÃO 2030 O Futuro da Agricultura Brasileira**. Disponível em:

<https://www.embrapa.br/documents/10180/9543845/Vis%C3%A3o+2030+-+o+futuro+da+agricultura+brasileira/2a9a0f27-0ead-991a-8cbf-af8e89d62829>
Acessado em 30 set 2022.

FAVA NEVES, Marcos, ZYLBERSZTAJN, Decio e MARZABAL, Evaristo. **Agronegócio do Brasil**. 2005. Ed. Saraiva, São Paulo.

FURTADO, Celso. **Foto de uma conversa**. Paris: 1991. In: BUARQUE, Cristovam. Entrevista concedida a Cristovam Buarque. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GILIO, L.; RENNO, N. (2018); **O CRESCIMENTO DO AGRONEGÓCIO REALMENTE TEM SE REFLETIDO EM MAIOR RENDA PARA AGENTES DO SETOR?** Disponível em:

<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/opiniaocepea/ocrescimento-doagronegociorealmente-tem-se-refletido-em-maior-rendaparaagentes-do-setor.aspx>.

Acessado em 21 de maio de 2022.

GREMAUD, Amaury Patrick; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de; TONETO Jr. Rudinei. **Economia brasileira contemporânea**. 8. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2016.

GREMAUD, Amaury Patrick, VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de; TONETO JR, Rudinei. **Economia Brasileira Contemporânea**. São Paulo: Atlas, 7. ed. 2017.

KRETER, Ana Cecília; PASTRE, Rafael; BASTOS FILHO, Guilherme Soria. **Comércio exterior de produtos do agronegócio: Balanço de 2020 e perspectivas para 2021**. In: **Carta de Conjuntura**. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Brasília, 2021. Disponível em Acesso em 04 maio 2022.

LACERDA, Antônio Corrêa de et al. **Economia brasileira**. 6. ed. São Paulo, SP: Saraiva, 2018.

LOURENÇO Joaquim Carlos; LIMA, César Emanuel Barbosa de. **Evolução do agronegócio brasileiro, desafios e perspectivas**. Observatorio de la Economía Latinoamericana, n. 118, 2009. Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210331_cc_50_nota_29_setor_extemo_agro.pdf> A<<http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

MATOS, Patrícia Francisca; PÊSSOA, Vera Lúcia Salazar. A modernização da agricultura no Brasil e os novos usos do território. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, ano 13, nº 22, v.2, p. 290-322, 2011.

MENDES, Judas Tadeu Grassi; PADILHA JUNIOR, João Batista. **Agronegócio: uma abordagem econômica**. São Paulo: Editora Pearson, 2007.

OTAKE, V. S. **Produtos cartográficos gerados a partir de drones e aplicações na agricultura**. Disponível em: <http://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/339/1/VINICIUS%20SEI%20OTA%20A%20KE.pdf> Acesso em 12-06-2022.

RENAL. A Rede Nacional de Informações sobre o Investimento. **O Setor de Agronegócio no Brasil: Histórico e Evolução do Agronegócio Brasileiro**. 2007. Disponível em: < <http://desenvolvimento.gov.br>>, Acesso em: 20 de agosto de 2022.

SILVA, JOSÉ GRAZIANO; RAMOS, PEDRO e REYDON, Bastian P.; **Agropecuária e Agroindústria no Brasil: ajuste, situação atual e perspectivas**. Campinas: ABRA, p.127-50, 1996.

SILVA, José Graziano da. **Tecnologia e agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SILVA, Leidian. Benefícios da contabilidade rural para a agricultura familiar: **um estudo sobre famílias na cidade Capitão Poço – Pará**. Congresso Contabilidade, Gestão e Agronegócio, Uberlândia, 19 e 20 de outubro de 2017.

VILARINHO, Maria Regina. **Questões sanitárias e o agronegócio brasileiro**. Disponível em: <<http://www.embrapa.br/embrapa/>>. (Acesso em: 09/10/2022).